II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Eixo temático: A utilização da epistemologia qualitativa e a metodologia construtivo-interpretativa na pesquisa e na prática profissional

Heteronormatividade e suas implicações nas subjetividades de estudantes universitários gays cisgêneros

Victor Hugo Brandão Meireles

Universidade Federal do Paraná

meireles0001@gmail.com

Norma da Luz Ferrarini

Universidade Federal do Paraná

normadaluzf@gmail.com

Resumo

A pesquisa, em andamento, fundamenta-se na Epistemologia Qualitativa, Teoria da Subjetividade e Método Construtivo-Interpretativo proposto por Fernando González Rey. Tem como objetivo investigar as implicações da heteronormatividade e da estigmatização e discriminação contra diversidade sexual e de gênero nas configurações subjetivas de estudantes gays cisgêneros. Participaram seis estudantes gays cisgêneros de diferentes cursos de uma universidade pública. Neste trabalho apresenta-se apenas o processo de construção da informação pautado em duas redações de dois estudantes e no espaço conversacional sobre o tema “Identidade: estereótipos e regras sociais”. O espaço da pesquisa apresentou-se como um espaço dialógico configurado subjetivamente com produções de sentidos subjetivos que permitiu a expressão e reflexão sobre emoções, sentimentos e compreensões simbólicas a respeito de suas vivências cotidianas frente à heteronormatividade. As duas hipóteses – *negação da identidade* e *identidade pressuposta ou o que esperam que ele seja* – demonstram a subordinação ao discurso dominador heteronormativo e a práticas de discriminação e estigmatização contra a diversidade sexual e de gênero.

Palavras chave: Heteronormatividade; estigmatização e discriminação contra diversidade sexual e de gênero; Teoria da Subjetividade.

**BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB**

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

APORTE TEÓRICO

O presente trabalho refere-se a uma pesquisa em andamento fundamentada na Epistemologia Qualitativa, na Teoria da Subjetividade e no Método Construtivo-Interpretativo propostas por Fernando González Rey (2003; 2005; 2010; GONZÁLEZ REY e MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). O objetivo é estudar as implicações da heteronormatividade e da discriminação e estigmatização contra a diversidade sexual e de gênero nas configurações das subjetividades de estudantes gays cisgêneros (cis-gays) de uma universidade pública. Como objetivos específicos: identificar expressões, ações, comportamentos e discursos de discriminação e estigmatização contra a diversidade sexual e de gênero vivenciados no espaço acadêmico; analisar sentidos subjetivos produzidos no espaço conversacional sobre experiências de discriminação e estigmatização contra a diversidade sexual e de gênero; produzir novas zonas de inteligibilidade sobre as temáticas das masculinidades, da heteronormatividade, e da discriminação e estigmatização contra a diversidade sexual e de gênero na perspectiva da Teoria da Subjetividade; promover na universidade ações e espaços para se falar, dialogar, refletir, informar, socializar e conscientizar a respeito dos processos de discriminação e estigmatização contra a diversidade sexual e de gênero.

Sob o enfoque da Teoria da Subjetividade, a categoria central subjetividade, bem como os conceitos fundamentais de sujeito, sentidos subjetivos, configurações subjetivas, recursos subjetivos, desenvolvimento subjetivo, subjetividade individual, subjetividade social, apresentam-se muito adequados e com uma perspectiva inovadora ao permitirem considerar a complexidade e as múltiplas dimensões da sexualidade.

Nessa perspectiva teórica e epistemológica, a subjetividade e o seu desenvolvimento representam uma qualidade especificamente humana e um processo cultural, histórico e social. Tem sua gênese e é constituinte nas/das condições sociais e na/da cultura institucionalizada e historicamente situada. Distancia-se de qualquer concepção de subjetividade como entidade intrapsíquica, essencialista e ahistórica, com um desenvolvimento progressivo, ordenado, linear. Ao contrário, a subjetividade trata-se de um sistema simbólico-emocional em processo contraditório que gera sentidos e configurações subjetivas conflitantes e diversas em diferentes momentos e contextos da

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

vida. A Teoria da Subjetividade valoriza a capacidade psíquica geradora de sentidos subjetivos do sujeito integrando emoção, fantasia, imaginação e operações intelectuais que escapam ao controle racional e intencional com desdobramentos não preditivos constituindo-se “importante recurso de tensão, ruptura e resistência diante dos sistemas sociais normativos.” (GONZÁLEZ REY e MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 33). E ainda: “A subjetividade não é um reflexo de uma condição objetiva, mas a capacidade de produzir alternativa frente à experiência vivida a partir dos recursos subjetivos atuais da pessoa.” (GONZÁLEZ REY, 2010, p. 343).

Os sentidos subjetivos representam uma unidade simbólico-emocional complexa, síntese de múltiplos aspectos que caracterizam a vida social e a história de cada sujeito gerada em sua experiência vivida, indo além de sua intencionalidade e de sua consciência, tomando formas diversas no curso de suas diferentes ações. Os sentidos subjetivos expressos pelos estudantes cis-gays são importantes para demonstrar esse sistema dinâmico da subjetividade individual e da subjetividade social e sua forma de organização, onde em seus contextos sociais e culturais irão evidenciar a objetividade singular e social do indivíduo em forma de vivências e experiências de vida.

Diversos sentidos subjetivos se interpenetram de formas diversas constituindo as configurações subjetivas. As configurações subjetivas são núcleos dinâmicos de organização de sentidos subjetivos que expressam uma convergência entre si, procedentes de diferentes zonas da experiência social e individual. As configurações subjetivas de estudantes cis-gays constituem-se de sentidos subjetivos marcados por discursos discriminativos que fazem parte de uma subjetividade social construída pelos modelos hegemônicos. Esses modelos hegemônicos baseiam-se em valores simbólicos e sociais que ditam as sexualidades das pessoas, essas que colocam a heterossexualidade como única e legítima.

Os diferentes espaços sociais, onde se realiza a ação do sujeito e são produzidas as relações e instituições da vida humana têm implicações na expressão, organização e desenvolvimento de duas dimensões da subjetividade: a subjetividade individual e a subjetividade social. A subjetividade individual diz respeito a processos e formas de organização subjetiva dos indivíduos concretos constituída historicamente e de forma única

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

articulada a uma cultura e suas relações sociais. A subjetividade social pode manifestar-se por meio das representações sociais, mitos, crenças, sexualidade, dentre outros espaços e ambientes com ênfase em discursos e produções de sentidos configurados pela sua organização subjetiva (GONZÁLEZ REY, 2003).

No campo da sexualidade e das práticas sexuais/afetivas, partimos do pressuposto de que são construções sociais relacionadas às múltiplas dimensões simbólicas e estruturais da sociedade e que determinam os espaços em que estamos inseridos. Esses espaços determinam um tipo normativo de orientação sexual e de identidades de gênero, orientado por ideologias cujas premissas passam a patologizar comportamentos que se afastam desse discurso hegemônico. Nesse sentido, podemos chamar a base desses discursos como “heteronormativos”, guiados por uma lógica reguladora das sexualidades e que podem promover a discriminação e estigmatização contra a diversidade sexual e de gênero.

Em sua tese de doutorado, orientada por González Rey, Jorge Eduardo Moncayo Quevedo (2017) afirma que, devido a um efeito neutralizador da sexualidade como algo naturalmente dado, acaba com sua historicidade e, em decorrência, suas bases culturais, políticas e subjetivas são ocultadas. Contrariamente, o autor, defende a sexualidade como uma construção social que varia de cultura para cultura, de tempos em tempos, com significados mutáveis e dissimilares. A sexualidade é um caminho possível para pesquisar as complexidades do ser humano. Estudá-la por outras bases ontológicas e epistemológicas permite tornar inteligível, complexa e singular a sexualidade humana, superando não só a ideia de uma essência a priori da sexualidade e explicações lineares do biológico e do social, mas também oferece uma possibilidade de explicar o fenômeno das diversidades sexuais e de gêneros. Com isso, a sexualidade não deve ser buscada apenas como um resultado do interno – instinto – ou do externo – cultura/discursos – separadamente, mas na síntese contínua entre ambos. Aqui a subjetividade ocupa um lugar evidente para conferir a inteligibilidade ao fenômeno da sexualidade como uma produção subjetiva complexa, afastando-se do olhar contemporâneo, presente nas instituições escolares e políticas, que acaba se propondo a compreendê-la apenas como um sistema funcional, racional e normativo (QUEVEDO, 2017). A Teoria da Subjetividade proposta por González Rey permite desenvolver novas zonas de inteligibilidade sobre a sexualidade: “La sexualidad

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

expresa una configuración de sentidos y significados que se produce de formas diferenciadas de sujeto a sujeto y de sociedad em sociedad, lo que se encuentra más claramente em la literatura que em la psicología.” (FERNANDO GONZÁLEZ REY citado por QUEVEDO, 2017).

Vista a sexualidade como uma produção subjetiva complexa e contraditória, o fenômeno da heteronormatividade pode emergir como sentidos subjetivos configurados em uma lógica baseada em discursos hegemônicos que determinam uma única forma de vivenciar a sexualidade.

A heteronormatividade determina que a sexualidade e as relações homoafetivas sejam apenas vividas no âmbito privado, visto que o âmbito público é exclusivo à heterossexualidade. Nessa perspectiva, a cidadania é desde sempre sexualizada, onde a ocupação do espaço público depende apenas de um tipo de sexualidade e de gênero, excluindo assim, as homossexualidades (OLIVEIRA, 2013).

A heteronormatividade produz uma forte ligação entre conjuntos de eixos que atuam na “[...] construção, legitimação e hierarquização de corpos, identidades, expressões, comportamentos, estilo de vida e relações de poder.” (JUNQUEIRA, 2007, p. 10). Esses eixos ao se relacionarem com a produção e a regulação de subjetividades e relações sociais, torna a heterossexualidade como única possibilidade legítima e natural de expressão identitária e sexual. Para o autor a heteronormatividade tem fortes vínculos com outros fenômenos normativos, tais como racismo, sexismo, misoginia, a xenofobia, o classismo etc. Nesse processo de construção social dos corpos, os marcadores identitários relacionados ao “sexo”, “gênero” e “orientação sexual”, se constroem juntos com outros marcadores sociais, tais como “raça”, “etnia”, “classe” etc. levando em consideração os contextos em que são produzidos significados e múltiplos nexos que se estabelecem entre si e seus efeitos (JUNQUEIRA, 2007).

A Teoria da Subjetividade sustenta-se em epistemologia e metodologia apropriadas para estudar a sexualidade na sua complexidade, historicidade e culturalidade, como o fenômeno da heteronormatividade e discriminação e estigmatização contra a diversidade sexual e de gênero, objeto desta pesquisa.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

CONSTRUÇÃO DA INFORMAÇÃO

A pesquisa foi constituída por cinco encontros com seis estudantes gays cisgêneros de diferentes cursos e campi de uma universidade pública. No primeiro encontro iniciou o processo de construção do cenário social da pesquisa e foram escolhidas, em conjunto com os participantes, as temáticas: As relações dos participantes com os espaços universitários; As relações homoafetivas no contexto universitário e em outros espaços sociais; Identidade: estereótipos e regras sociais; Identidade dos indivíduos dentro do movimento LGBTI+; “Sair do armário”: estigmas e vivências; “Gay afeminado”: masculinidades e suas relações com os meios sociais e as normas de gênero; Identidade como ato político; Estratégias na universidade no combate à discriminação e ao preconceito contra estudantes LGBTI+. Os participantes leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o processo 98129018.9.0000.0102.

Como a pesquisa encontra-se em andamento, neste trabalho será apresentado e discutido o processo de construção da informação somente de duas redações de dois participantes do terceiro encontro, sobre a temática “Identidade: estereótipos e regras sociais”.

Para análise e interpretação dos dados, usou-se como método a construção da informação, proposta por González Rey (2005; GONZÁLEZ REY e MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). A principal virtude de uma pesquisa qualitativa do modelo construtivo-interpretativo é o desenvolvimento de modelos teóricos a partir das informações produzidas no decorrer da pesquisa que permite uma visibilidade maior dos sentidos subjetivos e das configurações subjetivas que estão envolvidas pelos mais variados comportamentos e produções simbólicas dos participantes. O processo da pesquisa construtiva-interpretativa representa, para González Rey e Mitjans Martínez (2017), um caminho hipotético, construído a partir dos indicadores elencados pelo pesquisador no processo dialógico com os sujeitos participantes da pesquisa permitindo construir novos modelos teóricos sobre o problema de pesquisa.

Os indicadores são a primeira via de abertura para que surjam hipóteses que avancem a construção teórica, sendo fontes de outras ideias que superem e aumentem o seu

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

valor investigativo no decorrer da pesquisa, se apoiando em múltiplos aspectos qualitativos da expressão dos participantes. As hipóteses não são construções a priori e nem vias de comprovação de um determinado assunto, mas uma abertura para os modelos teóricos ganharem capacidade explicativa, onde o pesquisador o tempo todo precisará acompanhar e se posicionar diante de novos caminhos e múltiplas informações produzidas no processo da pesquisa, o que define a lógica configuracional (GONZÁLEZ REY e MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017).

Na presente apresentação, para auxiliar na compreensão do processo de construção da informação, os indicadores construídos são apresentados com a primeira letra do nome fictício de cada participante e um número; as hipóteses indicadas pela letra H e por um número.

“IDENTIDADE: ESTEREÓTIPOS E REGRAS SOCIAIS”

No terceiro encontro da pesquisa contamos com cinco participantes, sendo eles: dois de Psicologia, um de Medicina Veterinária, um de Medicina e um de Jornalismo. O que significa, quatro campi diferentes.

Sobre a dinâmica proposta nesse encontro intitulado “Identidade: estereótipos e regras sociais”, o pesquisador pediu para que cada participante respondesse à pergunta “Quem é você?”. Todos responderam à pergunta no tempo médio de 13 minutos. Em seguida, pediu-se para que cada um lesse para si mesmo o que havia escrito e refletissem sobre cinco perguntas selecionadas do texto Identidade de Antonio Ciampa (1984):

[...] Depois de ouvir sua resposta, pode afirmar que o conhece? Sua resposta torna possível você se mostrar ao outro (e, ao mesmo tempo, você se reconhecer) de forma total e transparente, de modo a não haver nenhuma dúvida, nenhum segredo a seu respeito? Sua resposta produz um conhecimento que o torna perfeitamente previsível? Ninguém (nem mesmo você), depois de conhecer essa resposta, terá dúvida sobre como você vai agir, pensar, sentir, em qualquer situação que surja. (CIAMPA, 1984, p. 58).

A primeira análise é do participante Noah, estudante de Jornalismo.

“Eu sou alguém que navega no tempo e no espaço a procura de novas aventuras e novos significados para vida. Às vezes me sinto como apenas mais um que passa despercebido na multidão, porém tento sempre pensar comigo mesmo que sou mais que

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

isso. Vivo bem com meu corpo e meus trejeitos, mas ainda peço em tentar achar meu espaço na sociedade. Eu sei quem eu sou, mas ainda não achei onde pertenço. Estou sempre de bom humor e com sorrisos no rosto tentando disfarçar o turbilhão de emoções dentro de mim. Ler e ouvir músicas me levam para lugares utópicos que gostaria de estar e isso me distrai dos afazeres cotidianos. Quero saber para onde vou depois que morrer e isso me espanta. O presente eu vivo, mas tenho medo do futuro. Sei quem eu sou, mas não sei para o que eu sirvo.”

O primeiro indicador é o da *(in)visibilidade (N.1)*. Esse sentimento de não ser notado ou não ser visível no nosso cotidiano demonstra uma importante faceta da exclusão social. Essa invisibilidade se mostra contraditória à recusa de certas pessoas em aceitarem formas visíveis de comportamentos, de vestes e de expressão linguística de gays. Muitos mecanismos de controle social exercem a função de excluir muitas pessoas, trazendo como consequência a invisibilidade. A invisibilidade de não querer ver, de não querer compreender, aceitar o diferente. E isso traz o segundo indicador – o de *não pertencimento (N.2)* – “*Eu sei quem eu sou, mas ainda não achei onde pertenço.*”. Esse sentimento de não pertencer a um espaço ou a um grupo social traz ao indivíduo problemas psicológicos, emocionais. O sentimento de “invalidez” também surge: “*Sei quem eu sou, mas não sei para o que eu sirvo.*” Uma contradição identitária constitui sua subjetividade: por três vezes afirma saber quem é. Mas não tem aceitação desse ser, não tem espaço para ser esse ser. A visibilidade da sua forma de ser diferenciada é invisibilizada. É rechaçada.

O terceiro indicador, *turbilhão de emoções (N.3)*, reforça o segundo indicador. O sentimento de exclusão e não pertencimento gera sentimentos expressos como um *turbilhão de emoções* perpassado por uma relação de poder. Muitos atores e instituições sociais efetivam o controle social das subjetividades por meio de normativas ideológicas de comportamentos e sentimentos, no caso, heteronormativas, com implicações emocionais profundas. Como forma de lidar com todas essas regras sociais, contraditoriamente o participante diz ficar sempre de bom humor e com sorrisos nos rostos. Com isso, ele produz configurações subjetivas que não representam uma realidade atual, tampouco a sua identidade, o que ele chama de “lugares utópicos”. Nesse sentido, apresenta-se outro indicador, o da *imaginação (N.4)*. Essa realidade acontece com muitos LGBTI+ que se

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

imaginam em lugares onde possam ser quem eles realmente são e até mesmo amar quem eles realmente querem amar. Porém, essa imaginação é a resposta à realidade social permeada por preconceitos, discriminações e estigmatizações.

Surge uma primeira hipótese: *negação da identidade (H.1)*. Essa negação demonstra o quanto as pessoas não podem vivenciar e legitimar suas experiências amorosas e afetivas com pessoas do mesmo gênero. Indo além, essa negação gera invisibilidades de identidades cuja sua única forma legítima de expressar seus desejos e sentimentos é negada. Pode-se dizer de uma subjetividade configurada pela negação.

O outro indicador, o *medo (N.5)*. O medo da morte, o medo do futuro, o medo de não pertencer, o medo da exclusão. Vive o presente, mas o futuro pode ser incerto quando se vive em uma sociedade preconceituosa e discriminatória. Vale lembrar que o Brasil está entre os países que mais mata LGBTI+ no mundo. Consequentemente, isso proporciona aos indivíduos o sentimento de medo. Inclusive o *medo de morrer*. Contraditoriamente, afirma voltar-se para as aventuras da vida – “*Eu sou alguém que navega no tempo e no espaço a procura de novas aventuras e novos significados para vida*” – e para as incompreensões da morte – “*Quero saber para onde vou depois que morrer e isso me espanta.*”.

A segunda redação analisada é do participante Léo, estudante de Medicina Veterinária:

“Eu sou que me forcem ser, o que eu quero ser (muitas vezes por agradar a quem merecer) e o que eu já fui. Me forcem a ser, em casa, o filho que se omite frente a opinião homofóbica do seu irmão mais velho, o filho que agradece ao deus dos seus pais após cada refeição e o filho que tem seis deveres diários. Me forcem a ser, na faculdade, o estudante que trata o professor por senhor, o estudante de IRA alto para conseguir cursas disciplinas e me forcem a ser o estudante que não sente nojo de anatomia. Sou o que eu quero ser com meu namorado, para não chateá-lo com certos hábitos, sou o quero ser com minha mãe, para não desanimá-la com meu estresse acadêmico e sou o quero ser por ser músico. Eu sou quem eu fui por saber mais com o que eu errei, por situações que eu acertei e por momentos que eu já almejei.”

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Os sentidos subjetivos expressos nessa redação são contraditórios, onde menciona sua identidade ser apenas o que os outros esperam que seja. Apresenta-se a segunda hipótese, da *identidade pressuposta* (termo utilizado por Ciampa, 1984) ou *o que esperam que seja (H.2)* para suprir as expectativas dos outros e da sociedade e sentir-se incluído, pertencente. Na afirmação “*o filho que se omite frente a opinião homofóbica do seu irmão mais velho*”, pode-se perceber a homofobia expressa em forma de poder, onde o irmão mais velho se posiciona com uma opinião carregada pelo preconceito, o que torna o primeiro indicador dessa narrativa o da *heteronormatividade (L.1)*. A heteronormatividade é um mecanismo sutil e normativo, que naturaliza e legitima uma única possibilidade de vivenciar a sexualidade. O indicador nos demonstra a dominação da heterossexualidade como forma única, excluindo outras formas de ser.

O segundo indicador nessa redação é a *crença e a religiosidade (L.2)*. O participante escreve: “*o filho que agradece ao deus dos seus pais após cada refeição e o filho que tem seus deveres diários.*”. A forte marca da crença em uma religião é também um indicador que sustenta a homofobia. Essa marca exclui a autonomia do indivíduo em poder se manifestar a favor ou contra esses valores religiosos. Como optar por não agradecer no final de todas as refeições. Esse indicador também força o participante em ser quem ele não é, indo de encontro com as duas hipóteses formuladas até agora, *negação da identidade (H1)* e da *identidade pressuposta ou o que esperam que ele seja (H2)*.

O terceiro indicador é o do *estudante exemplar (L.3)*, “*me forçam a ser, na faculdade, o estudante com IRA alto para conseguir cursar disciplinas e me forçam a ser o estudante que não sente nojo de anatomia.*”. O IRA é o índice de rendimento acumulado que contabiliza o desempenho de cada aluno nas disciplinas e atribui uma nota para fins de monitorar o desempenho escolar. Nessa lógica, há o estigma do aluno exemplar e “inteligente” com desempenho alto. E do aluno com rendimento baixo, como “má influência” e “menos inteligente”. Esse estigma controla os estudantes e os estimula a competirem entre si para conseguirem vagas em intercâmbios, monitorias, iniciações científicas e projetos de extensão. No caso do participante, o forçam a ser o aluno exemplar com o IRA alto. No que condiz ao “*não sentir nojo de anatomia*”, notamos mais uma marca da heteronormatividade, como se “homem” não pudesse sentir nojo das coisas.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

O participante reforça várias vezes o “*sou o que eu quero ser*” de formas contraditórias, frente ao namorado, frente à mãe, frente a outros, conforme merecem. Isso demonstra a contradição dos sentidos subjetivos expressos na narrativa. Afirma ser quem ele é e, ao mesmo tempo, ser o que os outros forçam ele ser. O fato de ser músico parece ajudá-lo a lidar com sua identidade, bem como considerar situações naquelas onde acertou e naquelas onde errou. O participante, a todo momento, se organiza subjetivamente para atender as expectativas dos outros, mas e para ele? Aparece mais o que ele não é do que o que ele é. Aqui podemos trazer a confluência das duas hipóteses: *da negação da própria identidade (H1)* e, todo momento, ele quer ser algo para *atender as expectativas dos outros (H2)*, mas o que ele quer ser na verdade não é o que ele é. E isso finaliza quando ele fala “eu sou quem eu fui”. Toda essa dinâmica de situações e experiências que ele já teve o proporcionou ser quem ele é nesse momento, mas que ainda, dentro do seu convívio social, ele ainda é forçado a ser apenas para os outros. Isso demonstra o quanto ele está preocupado com os sentimentos dos outros e com os deles não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentou-se como um espaço configurado subjetivamente. Demonstra as produções diferenciadas e singulares de estudantes universitários cis-gays, configurando-se numa dinâmica de produções de sentido subjetivos que permitiu a expressão e reflexão sobre emoções, sentimentos e compreensões simbólicas a respeito de suas vivências cotidianas, não só no espaço universitário, frente à heteronormatividade. Elencaram-se duas hipóteses – *negação da identidade (H1)* e *identidade pressuposta ou o que esperam que ele seja (H2)* – que demonstram sentidos subjetivos expressos como forma de subordinação e contraposição ao discurso dominador heteronormativo e a práticas de discriminação e estigmatização contra a diversidade sexual e de gênero.

Constata-se a relevância da categoria *identidade* para análise da heteronormatividade, já que na literatura encontram-se os termos identidade de gênero e identidade sexual. Conforme González Rey (2010, p. 339), “A identidade é um sistema vivo, em processo, de muita importância na produção de novos sentidos subjetivos frente às realidades imprevistas que vão aparecendo.” Conforme o autor, a identidade permite o

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

desenvolvimento do sujeito a partir de novas dimensões de si mesmo; de autorreconhecer-se em sua condição atual e negar ou ocultar sua identidade; manter-se ativo e envolvido naquelas áreas da vida que constituem sentidos subjetivos importantes; capacidade de sentir e viver suas diferentes dimensões como ser humano. “A subjetividade não é um reflexo de uma condição objetiva, mas a capacidade de produzir alternativa frente à experiência vivida a partir dos recursos subjetivos atuais da pessoa. [o que implica] criar sistema de apoio social facilitadores de estados subjetivos favoráveis (...) desenvolver uma nova identidade (...) produzir um novo mundo subjetivo”. (GONZÁLEZ REY, 2010, p. 343).

Diante do exposto e da temática central da presente pesquisa, convém destacar o conceito apresentado por González Rey (GONZÁLEZ REY e MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 107-108) de “organização social da sexualidade”, amparado na Teoria da Subjetividade, na Epistemologia Qualitativa e no Método Construtivo-Interpretativo, desenvolvidos pelo referido autor, e criado a partir da trama entre ideias do pesquisador, sujeitos participantes de pesquisas e novos significados de formas de sexualidade apoiadas em crenças, valores, comportamentos, representações sociais dominantes e aspectos socioculturais. O questionamento que se coloca é como estudos sobre a sexualidade, compreendida como uma dimensão fundamental da subjetividade, podem contribuir com o avanço da própria Teoria da Subjetividade e para o desenvolvimento de práticas pertinentes à ação profissional da psicologia no combate à discriminação e estigmatização contra a diversidade sexual e de gênero?

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Referências bibliográficas

GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003.

_____. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, F. L. As configurações subjetivas do câncer: um estudo de casos em uma perspectiva construtivo-interpretativa. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2010, 30 (2), 328-345.

GONZÁLEZ REY, F. & MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: Limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades**. Vol 1, nº 1, Rio Grande do Norte, 2007. p. 1-22.

OLIVEIRA, J. M. de. Cidadania sexual sob suspeita: uma meditação sobre as fundações homonormativas e neo-liberais de uma cidadania de 'consolação'. **Psicologia & Sociedade (Online)**, v. 25, p. 68-78, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n1/09.pdf>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2019.

QUEVEDO, J. E. M. **Educación, Diversid Sexual y Subjetividad: Una Aproximación Cultutal-Histórica a la Educación Sexual Escola en Cali-Colombia**. 2017. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasília, 2017.